

RELATO DE PESQUISA

A percepção da inovação em internacionalização em casa em universidades públicas brasileiras



OPEN ACCESS

EDITADO POR

- Marina Mello de Menezes Felix de Souza (UFOB)
- Lucas Araujo Chagas (UEMS)
- Luis Eduardo Wexell Machado (UNA)

AVALIADO POR

- Hyanna Medeiros (UnB)
- Tamara Rosa (IFFar)
- Elaine Santos (UFS)

SOBRE OS AUTORES

- José Celso Freire Junior
Conceitualização, investigação e análise formal.
- Valeska Virgínia Soares Souza
Conceitualização, investigação, análise formal e escrita.
- Cláudia Almeida Rodrigues Murta
Escrita, revisão e edição.

DATAS

- Recebido: 14/10/2025
- Aceito: 30/04/2026
- Publicado: 23/07/2026

COMO CITAR

Freire Junior, J. C.; Souza, V. V. S.; Murta, C. A. R. (2026). A percepção da inovação em internacionalização em casa em universidades públicas brasileiras. *Revista da Abralin*, v. 24, n. 2, p. 87-109, 2025.

José Celso FREIRE JUNIOR

Universidade Estadual Paulista (Unesp)

Valeska Virgínia Soares SOUZA

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Cláudia Almeida Rodrigues MURTA

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo mapear práticas inovadoras de internacionalização em casa na perspectiva de *stakeholders* da internacionalização da Educação Superior brasileira. A partir da premissa de Filippetti, Frenz e Letto-Gillies (2011, p. 439), que argumentam que “a conexão entre inovação e internacionalização tem uma forte base teórica”, definiu-se a possibilidade de explorar o contexto brasileiro para encontrar ações inovadoras de internacionalização consideradas como melhores práticas. O texto considera também a premissa de Buckner e Stein (2020, p. 163), que defendem que é complexo indicar melhores práticas para a internacionalização. À luz desses dois olhares, demonstrou-se, a partir dos dados coletados, que não se trata exatamente de melhores práticas, mas das práticas possíveis - aquelas que fazem sentido institucionalmente e que apresentam um deslocamento necessário no que se concebe como processo de internacionalização. Trata-se de um estudo robusto que envolveu 70 instituições de ensino superior públicas, estaduais e federais, localizadas em 23 estados brasileiros. A análise feita foi majoritariamente qualitativa, tendo vínculo com as diretorias de relações internacionais das instituições participantes, responsáveis pelos escritórios de relações internacionais dessas

instituições, bem como docentes, técnicos administrativos e membros dos escritórios. Os participantes responderam a um questionário semiestruturado que incluiu questões relacionadas às concepções institucionais acerca de inovação e a práticas inovadoras de internacionalização em casa. A análise apresentada pode contribuir para o planejamento de curto e longo prazo que diversas instituições de ensino superior brasileiras devem desenvolver para avançar em seus processos de internacionalização.

ABSTRACT

This study aims to map innovative internalization at home practices from the perspectives of stakeholders involved in Brazilian Higher Education. Based on the premise of Filippetti, Frenz, and Ietto-Gillies (2011, p. 439), who argue that "the connection between innovation and internationalization has a strong theoretical basis," the study explored the possibility of exploring the Brazilian context to identify innovative internationalization actions considered best practices. The text also considers the premise of Buckner and Stein (2020, p. 163), who argue that identifying best practices for internationalization is a complex process. In light of these two perspectives, the data collected demonstrate that these are not exactly best practices, but rather possible practices that make institutional sense and represent a necessary shift in the internationalization process. This is a robust study involving 70 public, state, and federal higher education institutions located in 23 Brazilian states. The analysis was primarily qualitative, involving the international relations directorates of the participating institutions, as well as the heads of international relations offices, faculty, administrative staff, and office staff. They responded to a semi-structured questionnaire that included questions related to institutional concepts of innovation and innovative internationalization practices within their own institutions. This analysis can contribute to the short- and long-term planning that several Brazilian higher education institutions should develop to advance their internationalization processes.

PALAVRAS-CHAVE

Internacionalização em casa. Inovação. Educação Superior.

KEYWORDS

Internationalization at home. Innovation. Higher Education.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS

Este trabalho é fruto de uma pesquisa que teve como objetivo mapear práticas inovadoras de internacionalização em casa, termo usado para se referir ao processo de internacionalização curricular numa perspectiva intercultural e internacional dentro do ambiente de aprendizagem doméstico, na perspectiva dos envolvidos na internacionalização da educação superior brasileira. A investigação partiu das premissas de que a internacionalização é um processo conectado à inovação e procurou entender e mapear as práticas de internacionalização possíveis – aquelas que fazem sentido e respondem às demandas das instituições de ensino superior. O estudo envolveu 70 instituições de ensino superior públicas, estaduais e federais, localizadas em 23 estados brasileiros. A análise dos dados foi majoritariamente qualitativa. Os dados foram coletados por meio de questionários semiestruturados, que incluíram questões relacionadas às concepções institucionais acerca de inovação e às práticas inovadoras de internacionalização em casa, respondidos pelas diretorias de relações internacionais das instituições participantes, pelos responsáveis pelos escritórios de relações internacionais dessas instituições, por docentes, por técnicos administrativos e por outros membros dos escritórios. A análise desenvolvida neste trabalho pode contribuir para o planejamento de curto e longo prazo que diversas instituições de ensino superior brasileiras precisam desenvolver para avançar em seus processos de internacionalização.

Introdução

As inúmeras possibilidades de internacionalização para além da mobilidade internacional docente e discente têm sido subvalorizadas, e isso é algo que demanda mudanças. Uma das inúmeras autoras que têm explorado esta possibilidade de múltiplos caminhos é Knight (2020, p. 8), que questiona: “para onde nos levará a bifurcação da compreensão de internacionalização como um processo envolvendo mobilidade entre países e a atual ênfase na internacionalização em casa?” É exatamente neste processo de internacionalização em casa que este estudo se posiciona.

A definição mais recorrente de internacionalização em casa (IaH¹) foi apresentada por Beelen e Jones (2015) como a “integração intencional das dimensões internacional e intercultural no currículo formal e informal para todos os estudantes dentro dos ambientes de aprendizagem domésticos”.

1 Internationalization at Home – IaH, será a abreviação usada ao longo do texto.

Gomes e Guerra (2018, p. 43) também definem IaH, como “influência da internacionalização no âmbito interno dos países, a qual pode se manifestar de diversas formas, como, por exemplo, por meio da internacionalização do currículo, a visita de professores internacionais e a presença da população estudantil no campus”. No contexto brasileiro, às propriedades típicas da IaH, Baranzeli (2019) acrescenta algumas proposições:

1. Utilização de literatura estrangeira relacionada ao contexto nacional;
2. Compartilhamento do conhecimento de estudantes que fizeram mobilidade;
3. Palestrantes e convidados, locais e internacionais, compartilhando experiências internacionais;
4. Utilização de vídeos com pessoas de outras localidades.

Santos e Reis (2020), outros dois autores brasileiros, também fazem uma reflexão sobre a IaH no processo de ensino-aprendizagem na educação superior.

A IaH precisa, pouco a pouco, ir se incorporando no repertório de conhecimento dos professores e das instituições para que as suas práticas pedagógicas possam ir construindo uma identidade internacionalizada e que sua ação docente seja voltada à formação de um estudante local, com reconhecimento das possibilidades e potencialidades do internacional e global, para a sua formação humana e, principalmente, para o seu pleno exercício da cidadania (Santos; Reis, 2020, p. 26).

Assim, uma reflexão sobre o tipo de internacionalização possível aparentemente conduz à conclusão sobre a importância de nos distanciarmos de uma visão reducionista de internacionalização como sinônimo de mobilidade física, ou seja, internacionalização transfronteiriça. Esta reflexão vai ao encontro da afirmação de Hudzik (2015, p. 13), que lembra que “embora nem todos possam estudar no exterior, a massificação do aprendizado internacional pode ocorrer ‘em casa’ através da internacionalização do currículo no campus e via Internet”. É, portanto, no contexto de crescimento cada vez maior da importância da IaH que este capítulo apresenta resultados de um estudo que faz uma análise a partir de uma pesquisa de mapeamento de práticas inovadoras de internacionalização em casa, na perspectiva de *stakeholders* da internacionalização da Educação Superior brasileira.

A análise feita considera duas premissas: a de Filippetti, Frenz e Letto-Gillies (2011, p. 439), que argumentam que “a conexão entre inovação e internacionalização tem uma forte base teórica” - argumento que parece válido para o contexto da Educação Superior - e a de Buckner e Stein (2020, p. 163), que defendem que é complexo indicar melhores práticas para a internacionalização.

Os primeiros assumem, em sua pesquisa sobre ambientes corporativos, tendo países europeus como unidade de análise, que a correlação entre inovação e internacionalização é indicativa de causalidade, mesmo não tendo conseguido dados robustos para definir a direção dessa causalidade. Eles

defendem que, se um país é altamente internacionalizado, é provável que tenha um desempenho alto de inovação, e vice-versa. A partir desta premissa, estabeleceu-se a possibilidade de explorar o contexto brasileiro para encontrar ações inovadoras de internacionalização consideradas como melhores práticas, mais especificamente aquelas relacionadas à Educação Superior.

Já as autoras da segunda premissa, por sua vez, afirmam que não há uma “melhor” abordagem para a internacionalização, mas que esforços coletivos, criticamente informados, para mapear, examinar e contextualizar diferentes ações que levem à internacionalização podem equipar *stakeholders* com uma compreensão aprofundada para agir em prol da internacionalização. Em consonância com essas autoras, entende-se também que não é necessário rotular as iniciativas como melhores ou piores.

Para explorar as diferentes abordagens presentes nas Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, desenvolveu-se o estudo apresentado neste artigo. A partir dele, é possível obter um panorama de como os processos de IaH vêm se desenvolvendo no Brasil. Os dados da pesquisa confirmam que não se trata exatamente de melhores práticas, mas das práticas possíveis – aquelas que fazem sentido institucionalmente e que representam um deslocamento necessário no que se concebe como processo de internacionalização.

O texto proposto navega, portanto, num mar de possibilidades e dados. Para explorá-los, após esta introdução, apresentaremos uma fundamentação teórica que oferece suporte às análises realizadas. Em seguida, será apresentada a metodologia utilizada no estudo. Posteriormente, uma parte da análise dos dados coletados será exposta, antes de algumas considerações sobre o estudo e seus resultados finalizarem o texto.

Como se poderá observar, as informações apresentadas contribuem de forma concreta para a análise das ações em curso e para o planejamento de curto e longo prazo que as IES devem desenvolver para avançar em seus processos de internacionalização.

1. Fundamentação Teórica

Esta seção se inicia com a contextualização da noção de inovação. Na sequência, aborda-se a relação entre este contexto e internacionalização e se explora este último conceito, fundamental na temática tratada no artigo.

1.1 Inovação

O termo inovação vem do verbo inovar, definido em dicionários de português com duas acepções: 1) introduzir novidades em; 2) produzir ou tornar algo novo; renovar; restaurar. Etimologicamente, inovação deriva do latim *innovare*, “renovar, mudar”, palavra composta por *in* – “em” mais *novus* – “novo, recente”. Por mais que pareça que o significado seja simplesmente de incorporar novidade, queremos destacar que, ao acrescentar o sufixo -ação, que etimologicamente remete a “movimento”,

a palavra ganha um contorno dinâmico, alinhado a ações processuais importantes para o desenvolvimento da sociedade.

A área de administração e negócios abriga a maioria dos grandes pensadores contemporâneos da inovação, compreendida nesse campo como motor do crescimento econômico. Economistas, cientistas políticos, administradores e outros pesquisadores da área estudam teórica e empiricamente inovações tecnológicas – digitais ou não – de produtos e de processos. Inovar constitui uma prioridade para várias instituições de mercado, considerando que as inovações podem gerar vantagens competitivas a médio e longo prazo.

Gibson (2015) defende a importância do planejamento e da sistematização para o processo inovador, mas reconhece que o acaso pode ainda desempenhar um papel determinante no que se concebe como inovação. Para o autor, “mesmo que às vezes pareça como se as ideias surgissem em nossas cabeças, estamos agora começando a entender que há muito mais envolvido no processo” (Gibson, 2015, p. 204). “Nossas mentes realmente as constroem a partir de uma cadeia única de associações e conexões, às vezes durante um período de tempo considerável” (p. 205).

A compreensão de como os inovadores pensam e agem parece ser um caminho para compreender os princípios da inovação. Nessa linha, ao conceber inovadores como líderes e catalisadores, Mirci e Hensley (2011) analisam a inovação pelo pensamento sistêmico. Segundo os pesquisadores, esses líderes agem sistematicamente e não burocraticamente. Conceber inovação como um processo dinâmico e complexo é acolher sua natureza não estanque.

Degraff e Degraff (2017) explicam que inovamos quando perturbamos o sistema. Eles partem de um modelo de identificação, compreensão e combinação das diferentes visões de mundo dominantes entre pensadores e líderes criativos para delinear um código da inovação, ou seja, uma concepção do que significa ser inovador. Isso não implica afirmar que não existam nuances de inovação nem que esse código seja definitivo.

É comum diferenciar os tipos de inovação em pelo menos dois grandes grupos. Para Imber (2016), há a inovação disruptiva – revolucionária, marcada por avanços com alto grau de novidade e complexidade – e a inovação incremental, que envolve risco mais baixo e menor grau de ruptura.

Em sua pesquisa sobre a universidade inovadora, Christensen e Eyring (2011) comparam a inovação incremental ou de sustentação com a inovação disruptiva. No primeiro caso, referem-se a fazer algo maior ou melhor – por exemplo, universidades que ampliam sua oferta de graduações. O segundo tipo de inovação perturba o ciclo do “maior e melhor” ao trazer para o mercado um produto ou serviço talvez não tão bom quanto as ofertas tradicionais, mas mais acessível ou mais fácil de usar, como a educação on-line.

Ao nos aproximarmos do cenário do estudo abordado neste texto, que envolve o mapeamento de práticas inovadoras no contexto da internacionalização da Educação Superior em instituições públicas brasileiras, é importante considerar outro aspecto associado à temática da inovação: sua responsabilidade ética e inclusiva. Nesse contexto, De Wit (2019) propõe a seguinte pergunta: “a internacionalização é um agente de mudança fundamental para a inovação e a responsabilidade social global do ensino superior?” Tal questionamento oferece uma perspectiva relevante ao tema da

inovação apresentado neste estudo. Para tanto, é fundamental conceber o que pode ser compreendido por inovação e como esse conceito se relaciona com o processo de internacionalização.

1.2 Inovação e Internacionalização

Uma das pesquisadoras mais proeminentes no campo da internacionalização, a canadense Jane Knight, nos provoca a pensar na relação entre inovação e internacionalização a partir de uma de suas reflexões (2020, p. 81): “Fique atento, nos dias atuais, a única constante na educação internacional é a inovação”. Para a pesquisadora, “a inovação se refere à aplicação de resultados da pesquisa e conhecimentos novos para produzir mudanças e novas ideias” (p. 179). Como exemplos concretos, ela cita as redes internacionais de universidades, que têm emergido a partir de parcerias entre diferentes instituições, e os polos de conhecimento e inovação, em que colaboram instituições educacionais internacionais e locais, setores da economia e centros de pesquisa e empresas.

Em um caminho paralelo, Gulicheva et al. (2017) ressaltam que as universidades precisam adotar abordagens inovadoras que se alinhem à educação internacional para garantir sua competitividade. Mesmo que muitas universidades enfoquem seu processo de internacionalização com vistas à competitividade, há instituições que se dedicam à internacionalização para promover a aprendizagem de seus estudantes em termos de cidadania global – e esta talvez devesse ser uma das principais razões para se buscar uma internacionalização efetiva.

Ser inovador parece mais simples no discurso do que é em ações concretas, talvez pelo receio das instituições de ensino de serem as primeiras, correndo riscos nem sempre desejáveis. Para Hudzik (2015, p. 81), “na frente organizacional, não haverá inovação e mudança a menos que a instituição sinalize receptividade e a menos que ela recompense aqueles que a tentarem”. Aparentemente, a recompensa pela coragem de inovar pode diminuir o medo associado aos riscos de se tentar.

Outra questão que se coloca, diz respeito a que tipo de inovação podemos alcançar na internacionalização. Primeiramente, conforme abordado, trata-se de uma visão de internacionalização não centrada na mobilidade física. Nesta linha, Missere Mihás (2021) aponta que, considerando que a internacionalização se tornou um componente importante dos planos estratégicos de muitas universidades, elas talvez queiram expandir os esforços para aumentar as iniciativas de IaH, criando interações intencionais por meio de atividades extracurriculares para todos os estudantes, bem como de atividades co-curriculares. Em sua pesquisa, a autora considera que existe uma oportunidade de aumentar a compreensão dos estudantes nacionais e internacionais sobre questões globais e seu impacto nas sociedades em todo o mundo. Claramente, a perspectiva da IaH torna-se cada vez mais presente.

Mesmo que a implementação de ações inovadoras seja complexa – tanto por questões de resistência quanto de falta de preparo para mudanças – uma análise contextual permite afirmar que várias instituições têm feito iniciativas inovadoras, entre elas a colaboração entre equipes virtuais globais

(Rauer et. al., 2021, p. 11), experiências interdisciplinares internacionais (Mejtoft; Crippos; Blöcker, 2021) e competições internacionais (Santos Jorge, 2018, p. 43).

Fica claro também que as possibilidades tecnológicas digitais adquirem cada vez maior destaque, pois, como indicam Valtins; Tipans e Muracova (2020, p. 15), “se a tecnologia está fomentando a inovação, então devemos também avançar na forma como medimos e vemos a internacionalização, pois existem outros indicadores de internacionalização que estão diretamente ligados à tecnologia”.

O arcabouço teórico acerca do tema da inovação mobilizado nesta seção evidencia uma infinidade de possibilidades que podem ser implementadas nos cenários local e global. Cabe às instituições de Educação Superior refletir sobre o que é possível e sobre o que é desejável em cada contexto.

2. Metodologia

O contexto da pesquisa é a Educação Superior brasileira na contemporaneidade, no recorte da internacionalização, mais especificamente os processos de internacionalização em casa nas IES públicas federais e estaduais. Essas instituições estão vinculadas a duas associações: as instituições federais à Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior – ANDIFES¹, e as instituições estaduais à Associação Brasileira dos Reitores das Universidades Estaduais e Municipais – ABRUEM². Essas associações foram parceiras nesta pesquisa, abrindo suas portas para que seus associados fossem convidados a responder ao questionário aplicado.

Foram convidados como participantes servidores, docentes e técnicos administrativos vinculados ao escritório ou à diretoria de relações internacionais de todas as instituições-membro da ANDIFES e da ABRUEM. Segundo informações dos sites das associações, a ANDIFES abrange 71 instituições e a ABRUEM, 48, totalizando 119 instituições que poderiam colaborar com a pesquisa. Desse total, 70 instituições – ou seja, 59% – participaram da análise majoritariamente qualitativa que foi realizada. Em algumas instituições, mais de uma pessoa respondeu ao questionário, totalizando 81 respondentes. Das instituições participantes, 40 são vinculadas à ANDIFES e 30 à ABRUEM. Dos 27 estados brasileiros, participantes de 23 estados responderam ao questionário, sendo que apenas quatro estados da região Norte – Acre, Amapá, Rondônia e Tocantins – não participaram.

Os respondentes preencheram um questionário semiestruturado composto por 22 questões, sendo exploradas neste capítulo aquelas presentes nas seções 05 e 06, respectivamente: “Estrutura Conceitual de Inovação” e “Socialização de Práticas de ‘Internacionalização em Casa’ da Instituição”. Dessa forma, foi possível analisar o ponto de vista dos principais responsáveis pelo processo de internacionalização das IES.

Para que os respondentes estivessem esclarecidos sobre a visão de inovação adotada nesta pesquisa, foi apresentada a eles a definição de Raffaeli e Glynn (2015): “uma mudança nova, útil e legítima que perturba, em graus variados, os pilares cognitivos, normativos ou reguladores de um campo organizacional”.

Além disso, para embasar as opiniões dos respondentes acerca do perfil de inovação de suas instituições, o seguinte trecho de Gibson (2015) foi apresentado no questionário, introduzindo os quatro padrões de pensamento que o autor indica como pilares da inovação:

- Desafiar convenções – questionar crenças e suposições profundamente arraigadas e explorar respostas novas e altamente não-convencionais;
- Aproveitar tendências – reconhecer o potencial futuro e os desenvolvimentos emergentes e usar essas tendências para abrir novas oportunidades;
- Alavancar recursos – entender nossa capacidade ilimitada de reutilizar habilidades e bens de formas, em combinações ou em contextos diferentes;
- Compreender necessidades – prestar atenção aos problemas e frustrações que outros ignoraram e experimentar novas soluções para os problemas.

Para permitir o compartilhamento de propostas inovadoras de IaH, os respondentes tiveram um espaço aberto para inserir até três práticas de IaH que considerassem inovadoras em suas instituições. Para orientar as respostas, o texto a seguir foi apresentado no questionário:

Selecione até três práticas de “internacionalização em casa” da sua instituição que podem ser compreendidas como práticas inovadoras e conte-nos um pouco sobre elas. Escreva sobre o tipo de atividade e seu objetivo. Por que pode ser considerada uma prática de “internacionalização em casa”? Por que pode ser considerada uma prática inovadora?

3. Análise

Esta seção apresenta uma análise de algumas das perguntas às quais os 81 respondentes responderam. Uma delas buscou identificar o perfil de inovação institucional das IES participantes na ótica dos respondentes. A Figura 1, a seguir, apresenta as respostas sistematizadas.

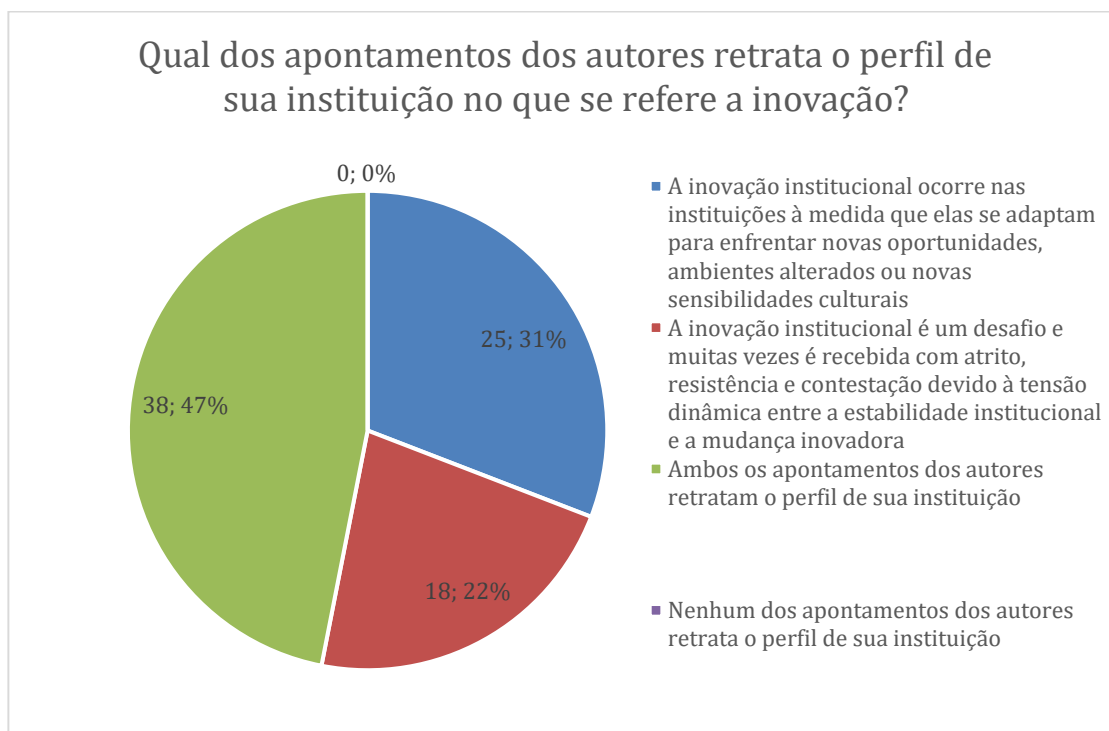


FIGURA 1 – Perfil de inovação das instituições participantes.

Fonte: Dos dados de pesquisa.

A análise da Figura 1 indica que todos os respondentes assinalaram que dois dos apontamentos apresentados – ou pelo menos um deles – estavam condizentes com o perfil de inovação de suas instituições. Vinte e cinco respondentes apontam para o perfil de inovação institucional como adaptação para enfrentar novas oportunidades, ambientes alterados ou novas sensibilidades culturais, ao passo que dezoito respondentes apontam para a inovação institucional como desafio, recebido por vezes com resistência e contestação. Trinta e oito participantes afirmam que ambos os apontamentos dos autores retratam o perfil de sua instituição.

Uma questão aberta foi apresentada com os seguintes dizeres, para que os respondentes pudessem elaborar suas opiniões sobre inovação institucional em relação às concepções e as estratégias de IaH: Como você explicaria o perfil de sua instituição no que se refere a inovação em termos de 'internacionalização em casa'? Mesmo sendo uma questão opcional, 61 participantes da pesquisa utilizaram esse espaço para complementar suas perspectivas acerca da inovação institucional².

O tema mais recorrente nas respostas é a dificuldade de inovar nas práticas de IaH. Os respondentes apontam dificuldades orçamentárias e falta de fomento como barreiras que dificultam a implementação de propostas inovadoras de IaH. Além disso, surgem como barreiras institucionais a

² Os comentários dos respondentes estão registrados no relatório de pós-doutorado intitulado “Conhecendo práticas inovadoras e educativas de ‘internacionalização em casa’ no contexto da Educação Superior brasileira”, tramitado na Unesp e na UFU e disponível nos arquivos de ambas as instituições.

falta de conhecimento sobre as possibilidades de inovação na IaH e a resistência às mudanças por parte de vários membros da comunidade acadêmica.

Outro tema presente – o do comprometimento e engajamento das instituições – demonstra que os respondentes entendem que membros da comunidade estão tentando inovar em termos de IaH, mesmo diante das várias dificuldades encontradas no contexto da Educação Superior brasileira.

Um terceiro tema que emerge dos dados, com menor recorrência que os apontamentos de dificuldades e de comprometimento institucional, é o de iniciativas em fase de implementação.

Na Figura 2, apresentam-se resultados associados à percepção dos respondentes em relação aos pilares de inovação propostos por Gibson (2015). As respostas indicam que as atividades de IaH das instituições participantes com maior destaque são: “aproveitar tendências” (23 respostas no nível 4), seguida de “compreender necessidades” (21 respostas no nível 4), “desafiar convenções” (16 respostas no nível 4) e “alavancar recursos” (13 respostas no nível 4).

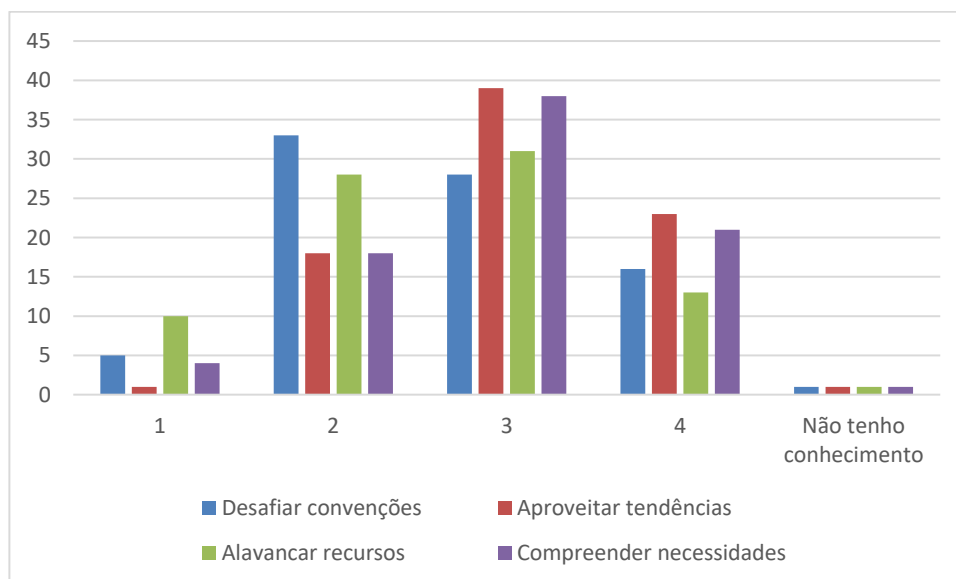


FIGURA 2 – Padrões de pensamento que embasam propostas inovadoras de IaH.

Fonte: Dos dados de pesquisa.

Já em termos de importância atribuída a cada um dos padrões de pensamento, conforme se observa na Figura 3, os respondentes apontam “compreender necessidades” como o mais importante (71 respostas no nível 4), seguido de “alavancar recursos” (70 respostas no nível 4), “aproveitar tendências” (66 respostas no nível 4) e “desafiar convenções” (63 respostas no nível 4).

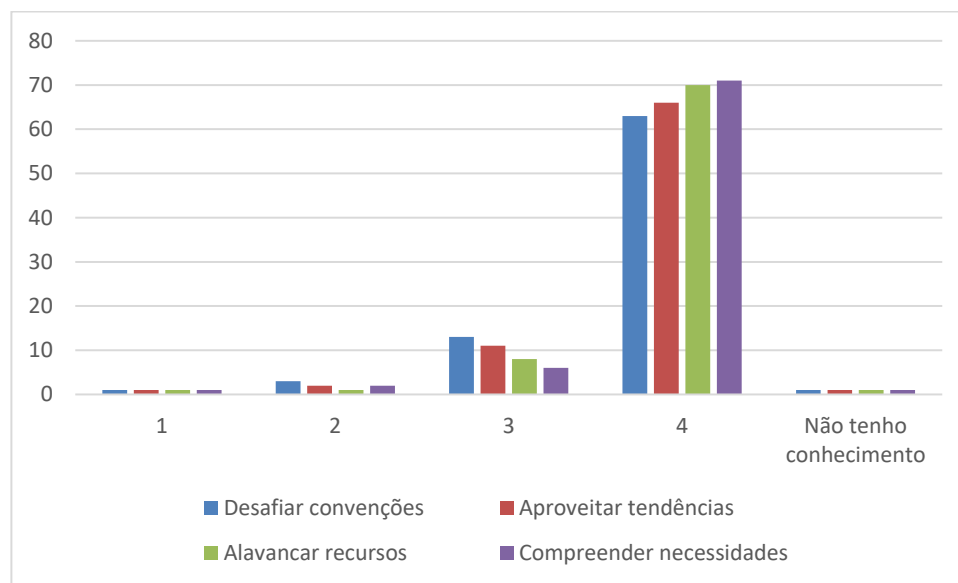


FIGURA 3 – Importância dos padrões de pensamento para as propostas inovadoras de IaH.

Fonte: Dos dados de pesquisa.

Em relação às respostas associadas a propostas inovadoras de IaH, 62 respondentes socializaram suas percepções. Contudo, algumas respostas indicavam que a pergunta não se aplicava à instituição, enquanto outras apenas reiteravam informações previamente oferecidas no questionário. Entre as respostas que de fato indicaram práticas de IaH consideradas inovadoras, foi possível categorizar as práticas socializadas em cinco temas recorrentes, descritos a seguir.

A categoria mais recorrente foi a utilização de ferramentas do ambiente virtual para atividades de IaH. Segundo os respondentes, as instituições públicas brasileiras de Educação Superior têm aproveitado os recursos da Internet para ações de mobilidade e intercâmbio virtual (como COIL, BraVE, Destino Brasil ANDIFES, entre outros), bem como para ampliar a visibilidade das instituições e das ações desenvolvidas localmente.

Um segundo tema altamente recorrente refere-se à preparação linguística da comunidade acadêmica para o uso de línguas estrangeiras. Os respondentes informam que há engajamento em ações voltadas à preparação de docentes, discentes, técnicos administrativos e demais membros da comunidade acadêmica para que sejam capazes de oferecer ou cursar disciplinas em línguas estrangeiras, especialmente em inglês e, em segundo lugar, em espanhol.

Um terceiro tema que emerge da análise dos dados, e que se mostra muito relevante no campo da IaH, é a melhoria da estrutura organizacional interna das instituições para apoiar atividades de internacionalização. Essas melhorias incluem tanto ações de tradução de documentos para ampliar o acesso de públicos internacionais quanto aperfeiçoamentos em sistemas internos de dados e de gerenciamento. Documentos institucionais e políticas internas podem ampliar ou limitar as ações de internacionalização e, por isso, devem ser alvo de inovação. O engajamento de diferentes atores no processo de internacionalização também se revela necessário.

Um quarto tema identificado refere-se às ações de acolhimento de visitantes internacionais. Destacam-se programas de apadrinhamento de estudantes internacionais e eventos que promovem o protagonismo desses estudantes. Ademais, a oferta de formação em língua portuguesa para estudantes internacionais aparece como recorrente nas respostas.

Um quinto tema identificado diz respeito ao fomento de ações inclusivas e decoloniais. Os respondentes apontam que iniciativas que valorizam a relação Sul-Sul – seja com países de língua portuguesa, países africanos ou países da América do Sul e Caribe – têm ganhado espaço nas atividades de IaH. Também se destaca a valorização de demandas e especificidades locais. Além disso, a ampla divulgação de oportunidades, buscando incluir todos os membros da comunidade acadêmica, é mencionada pelos participantes.

Por fim, foi aberto um espaço para que os respondentes se manifestassem caso acreditassem não haver práticas de “internacionalização em casa” consideradas inovadoras em suas instituições. Dois respondentes utilizaram esse espaço para reforçar que suas instituições ainda não tinham um plano de IaH implementado. Outros dois apontamentos indicaram que “não existia prática de ‘internacionalização em casa’ considerada inovadora na instituição” e que “faz-se necessário ampliar o espaço de discussão sobre a implementação de práticas inovadoras de IaH”. Além disso, ficou clara a falta de fomento e de apoio financeiro às instituições públicas brasileiras de Educação Superior, o que limita o engajamento de muitas delas em ações inovadoras de IaH.

A análise das respostas permite afirmar que é importante que o que já vem sendo feito nas instituições brasileiras seja amplamente divulgado, especialmente entre as próprias instituições, para que possam identificar possíveis caminhos para seus processos de internacionalização e suas práticas de IaH. O apontamento de Hudzik (2015, p. 110) de que “mais pesquisas sobre questões identificadas sob as ‘lentes’ dos stakeholders seriam úteis para construir um corpo de conhecimentos sobre os resultados da internacionalização das instituições de ensino superior” é certamente pertinente. A partir de informações provenientes desse tipo de pesquisa, as instituições podem estar mais bem informadas para a tomada de decisões e para a construção de políticas institucionais de internacionalização. Este estudo é um início, mas outras iniciativas devem se somar a ele, caso se deseje ampliar a visibilidade da IaH no Brasil.

Considerações finais

O processo de internacionalização das universidades públicas brasileiras, federais e estaduais, é uma necessidade que se apresenta sob diversas possibilidades. Uma delas é a denominada internacionalização em casa, que envolve inúmeras ações. Buscou-se, neste artigo, evidenciar as ações de internacionalização em casa desenvolvidas pelas instituições de Ensino Superior públicas brasileiras, traçando um panorama das práticas possíveis e que atendem à realidade de cada uma dessas instituições. Para o desenvolvimento desta pesquisa, de base qualitativa, foi elaborado um questionário semiestruturado direcionado aos escritórios de relações internacionais das instituições participantes.

Nesta seção, apresentam-se algumas considerações gerais sobre as respostas ao questionário semiestruturado, que incluiu questões relacionadas às concepções institucionais acerca de inovação e às práticas inovadoras de internacionalização em casa.

No que se refere à inovação no ambiente institucional, os participantes da pesquisa reconheceram a relevância da inovação na internacionalização para suas instituições, mesmo diante dos percalços encontrados no caminho. O tema mais recorrente nas respostas espontâneas foi a dificuldade de inovar nas práticas de internacionalização em casa. Embora as respostas indiquem obstáculos, há também uma recorrência de apontamentos que ressaltam o comprometimento das instituições com essa pauta, por meio de propostas inovadoras. Outro tema que emergiu dos dados sobre inovação institucional foi o de trabalho em implementação: alguns respondentes indicaram que suas instituições, especialmente por serem jovens, ainda estavam implementando suas políticas e ações de internacionalização em casa.

Ao serem indagados sobre práticas inovadoras de internacionalização em casa que gostariam de socializar, os respondentes indicaram como temas recorrentes: (1) o emprego de ferramentas do ambiente virtual; (2) a formação da comunidade acadêmica para o uso de línguas estrangeiras; (3) questões relacionadas à estrutura organizacional interna da instituição em prol da internacionalização; (4) o acolhimento de visitantes internacionais; e (5) a promoção de ações inclusivas e decoloniais.

Foi possível, ainda, avaliar como essas práticas inovadoras se articulam em um contexto mais amplo do processo de internacionalização. Em primeiro lugar, destaca-se que, mesmo com as limitações impostas pela burocracia e pela falta de apoio governamental, as IES públicas brasileiras encontram nichos de possibilidade. Em segundo lugar, nota-se a influência do contexto digital na promoção de inovação nas propostas de atividades de IaH, especialmente após a força disruptiva da pandemia de Covid-19. Em terceiro lugar, destaca-se a importância de considerar o contexto social local e global de cidadania, que inclui perspectivas de inclusão, de decolonialidade, de plurilinguismo e de multiculturalidade.

Pode-se afirmar também que as propostas inovadoras socializadas por participantes vinculados a instituições de todas as regiões do Brasil são criativas, interessantes e relevantes para o processo de internacionalização. Mesmo podendo ser consideradas ótimas práticas, cabe refletir se deveriam ser rotuladas como melhores práticas, o que é relativo quando se mapeiam atividades de IaH em um país tão diverso.

Para concluir, recorremos novamente a Hudzik (2015, p. 110), que defende a importância de valorizar o que foi aprendido com estudos no contexto mais amplo da internacionalização abrangente ou estratégica, de modo que seu impacto holístico sobre as instituições gere resultados efetivamente benéficos. Essa iniciativa, certamente, não pode se restringir ao estudo apresentado neste capítulo. As práticas inovadoras de IaH devem ganhar cada vez mais destaque em publicações acadêmicas, matérias jornalísticas e vídeos compartilhados em redes sociais. As histórias socializadas de maneira breve e resumida em resposta a um questionário merecem ser conhecidas em narrativas mais detalhadas.

Informações complementares

Avaliação e resposta dos autores

Avaliação: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v24i2.2385.R>

Resposta dos autores: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v24i2.2385.A>

Editores

Marina Mello de Menezes Felix de Souza

Afiliação: Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2208-2794>

Lucas Araujo Chagas

Afiliação: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2379-9156>

Luis Eduardo Wexell Machado

Afiliação: Universidade Nacional de Assunção (UNA)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2966-245X>

RODADAS DE AVALIAÇÃO

Avaliador 1: Hyanna Carollyne Dias de Medeiros

Afiliação: Universidade de Brasília

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9301-517X>

Avaliador 2: Tamara Angélica Brudna da Rosa

Afiliação: Instituto Federal Farroupilha

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3359-3909>

Avaliador 3: Elaine Maria Santos

Afiliação: Universidade Federal de Sergipe

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6376-2932>

AVALIADOR 1

PARECER – ABRALIN

Elaborado de acordo com as diretrizes disponíveis para pareceristas.

Sobre o título

O título “A percepção da inovação em internacionalização em casa em universidades públicas brasileiras” está precisamente relacionado com o assunto do trabalho apresentando, refletindo adequadamente a proposta do estudo.

Sobre o resumo

O resumo está adequado e bem escrito. Introduz brevemente o tema e sua relevância a partir de uma sucinta filiação teórica. Apresenta a metodologia e aponta os resultados finais.

A problemática, os objetivos, a metodologia e os resultados finais anunciados no resumo estão desenvolvidos no corpo do artigo.

Sobre a INTRODUÇÃO

A introdução faz um bom anúncio sobre os aspectos abordados ao longo do texto e corresponde com a finalidade e resultados apresentados pelo artigo.

Sobre os MÉTODOS

A pesquisa, de caráter qualitativo, envolveu 70 instituições públicas (federais e estaduais) em 23 estados brasileiros, tendo como participantes diretores de relações internacionais, docentes e técnicos administrativos. O instrumento de coleta foi um questionário semiestruturado.

O desenho metodológico está adequado aos objetivos anunciados e condiz com os resultados descritos no estudo.

Salvaguardadas algumas questões contextuais, como acesso às instituições, a pesquisa poderia ser replicada.

Sobre os resultados

O modo de expor e discutir os dados está de acordo com a proposta do trabalho, havendo uma associação entre os achados e o posicionamento teórico adotado.

Importante: trocar os gráficos por figuras de melhor qualidade, pois estão com baixíssima qualidade e podem ficar ainda mais deformados/distorcidos na publicação, inviabilizando a leitura das informações, já muito pequenas e borradas.

Sobre as generalidades

O objetivo da pesquisa apresentada foi de compreender como diferentes instituições de ensino superior públicas implementam práticas inovadoras de internacionalização não restritas à mobilidade física, os autores propõem um estudo analítico relativo à percepção da inovação nos processos de internacionalização em casa.

Envolvendo 70 instituições públicas (federais e estaduais) em 23 estados brasileiros, o estudo foi realizado por meio de questionário semiestruturado e contou com a participação de diretores de relações internacionais, docentes e técnicos administrativos.

O referencial teórico está pautado na literatura relativa à internacionalização e aborda a relação entre inovação e internacionalização (Filippetti, Frenz e Ietto-Gillies, 2011) e na dificuldade para se estabelecer “melhores práticas” (Buckner e Stein, 2020).

Os resultados são discutidos à medida que os dados são apresentados ao longo do texto. Essa discussão é construída por meio da relação dados obtidos x teoria/conhecimentos produzidos no campo de estudos.

Os achados chamam a atenção para a relação entre melhores práticas, aquelas ideais, e possíveis, aquelas executáveis em função dos contextos. Práticas possíveis são aquelas que fazem sentido institucional e contribuem para o avanço da internacionalização em casa.

No tocante à escrita, o texto está bem apresentado. Contudo, há indicação de revisão para corrigir alguns problemas de ortografia que, necessário destacar, em nada desabonam o trabalho, pois é possível atribuí-los a pequenos deslizes de atenção. Como o texto foi entregue em pdf, sinalizações precisas dos pequenos problemas de digitação/ortografia/formação não puderam ser realizadas.

Das sugestões

- Trocar as figuras 2 e 3, pois estão com baixa qualidade e talvez piorem com uma possível impressão;
- Acrescentar um parágrafo inicial para a conclusão retomando, de forma bem breve, os elementos de construção do artigo (contexto; objetivos; metodologia);
- Fazer uma leitura atenta com vistas a corrigir pequenos deslizes de escrita e formação.

Importante: É necessário verificar os padrões da revista/do número, pois é possível que não haja indicação para espaçamento duplo entre os parágrafos.

COMENTÁRIO FINAL (parecer)

O artigo pauta-se em uma corrente teórica relevante, consistente e atual e está metodologicamente bem estruturado.

Destaca-se o percurso metodológico adotado para realização do estudo, uma pesquisa qualitativa baseada em dados coletados junto aos agentes dos contextos estudados, que permite uma

apreensão próxima/muito próxima da realidade investigada a partir do olhar/conhecimento desses participantes.

Dados os processos de internacionalização pelos quais as instituições de ensino superior brasileiras vem passando nas últimas décadas, bem como suas reconfigurações, abordar as práticas para internacionalização, melhores ou possíveis, tem relevância acadêmica e social, pois, além de construir para o debate teórico sobre a internacionalização, fornece insumo para reflexões relativas aos efeitos da internacionalização sobre os espaços e indivíduos por ela afetados.

Alguns erros foram encontrados, mas serão facilmente resolvidos em uma leitura de revisão de texto. Tais deslizos não comprometem o conteúdo, a linha de raciocínio ou a leitura. É importante sublinhar que o trabalho de escrita e apresentação da pesquisa resultou em um texto claro, bem encadeado e consistente.

Artigo pode ser publicado, mas, com o intuito de atender às exigências da revista e se adequar ao rigor da escrita acadêmica, uma leitura de revisão para correção de pequenos problemas (ortografia/ digitação/ formatação) é necessária.

AVALIADOR 2

O artigo é pertinente e bem estruturado em relação ao tema proposto, mas apresenta pontos a fortalecer em termos de alinhamento entre seções, organização metodológica e padronização formal segundo as normas ABNT.

As sequências argumentativas da introdução conduzem de modo lógico à finalidade do estudo; ainda assim, poderia ser útil incluir um parágrafo mais curto e direto explicitando: problema, lacuna na literatura e pergunta(s) de pesquisa, para reforçar o encadeamento lógico.

Em termos de reprodutibilidade, a seção metodológica apresenta muitos elementos essenciais, mas poderia detalhar:

- Estratégia de análise (por exemplo, procedimentos de análise qualitativa: categorização temática, procedimentos de dupla codificação, software, critérios de saturação, se utilizados).
- Eventuais análises quantitativas (porcentagens apresentadas nas figuras, forma de tratamento dos dados, se houve uso de testes estatísticos ou apenas estatística descritiva).
- Não há uso de técnicas estatísticas complexas; a apresentação de dados é principalmente descritiva (frequências, percentuais em figuras). Isso é congruente com o desenho qualitativo; apenas seria interessante indicar explicitamente que a análise quantitativa foi descritiva.

- As limitações do estudo aparecem de forma implícita (por exemplo, recorte em IES públicas, ausência de quatro estados, dificuldades de fomento e de engajamento, necessidade de mais estudos), mas poderiam ser explicitadas em um parágrafo próprio, com menção a: viés de resposta (quem respondeu), natureza auto-relatada dos dados, ausência de perspectivas discentes diretas, entre outros.
- As referências estão apresentadas de forma geral próxima ao padrão ABNT (sobrenome em maiúsculas, indicação de título, local, editora, ano, volume/número em periódicos, etc.), mas recomenda-se revisar com cuidado:
 - Padronização de uso de maiúsculas/minúsculas em títulos.
 - Uniformidade na indicação de páginas e volumes.
 - Conferência da ordem alfabética e consistência de todos os autores citados no corpo do texto constarem na lista e vice-versa.
- As citações no corpo do texto seguem, em geral, o padrão autor-data; contudo, é oportuno revisar detalhes de pontuação, uso de “et al.”, e padronização da forma de citar obras traduzidas ou e-books, conforme as normas específicas do periódico.
- Síntese avaliativa
 - Pontos fortes:
 - Coerência entre título, resumo, introdução, metodologia, resultados e considerações finais.
 - Delineamento metodológico robusto para o objetivo, com ampla participação de IES e clareza sobre contexto e participantes.
 - Análise articulada com literatura relevante sobre inovação, internacionalização e IaH, com recorte nacional bem definido.
 - Pontos a aprimorar:
 - Detalhamento dos procedimentos de análise de dados (qualitativa e quantitativa descritiva) para ampliar reprodutibilidade.
 - Explícita apresentação de limitações do estudo em seção ou parágrafo próprio. Ajustes finos de organização (subtítulos em métodos e análise),

revisão linguística pontual e verificação rigorosa de padronização ABNT nas referências e eventuais anexos.

- Em conjunto, o artigo apresenta mérito científico e relevância temática, com condições de publicação após revisões pontuais de forma e pequenos ajustes de explicitação metodológica e normativa.

AVALIADOR 3

O artigo apresenta uma discussão consistente e atual sobre internacionalização em casa (IaH) no contexto da Educação Superior brasileira, articulando o tema de forma clara com o debate contemporâneo sobre inovação institucional, políticas de internacionalização e uso de tecnologias digitais. O título é pertinente e reflete adequadamente o escopo da pesquisa, o recorte analítico adotado, bem como os resultados e conclusões apresentados, mostrando-se coerente com o conteúdo desenvolvido ao longo do texto.

O referencial teórico mobilizado é sólido, atual e amplamente reconhecido na área, apresentando domínio conceitual ao articular internacionalização, inovação e educação superior, situando a pesquisa em um diálogo consistente com a literatura nacional e internacional.

No que se refere à metodologia, o estudo apresenta um desenho adequado ao objetivo proposto, com procedimentos metodológicos descritos de forma clara e de forma a permitir a compreensão e a possível replicabilidade do estudo.

A análise dos dados é bem conduzida e dialoga de maneira consistente com o referencial teórico apresentado. Os resultados são discutidos de forma crítica, indo além da simples descrição, e contribuem significativamente para a compreensão das práticas de internacionalização em casa no cenário brasileiro. Destaco a relevância dos achados para o planejamento institucional e para o avanço do campo de estudos em internacionalização da educação superior.

Do ponto de vista da coerência textual, o artigo apresenta boa organização interna, com articulação lógica entre introdução, fundamentação teórica, metodologia, resultados e considerações finais. A discussão mantém alinhamento com os objetivos propostos e com os dados apresentados, sem contradições ou lacunas significativas. A relevância acadêmica do trabalho é evidente, especialmente por contribuir para um debate ainda em consolidação no Brasil, oferecendo subsídios teóricos e empíricos para pesquisadores, gestores e formuladores de políticas institucionais.

Sugiro apenas dois ajustes, não obrigatórios: 1) colocar as imagens dos gráficos em melhor resolução, para uma melhor qualidade; 2) Ao final das considerações, explicitar, de forma mais direta, as implicações práticas dos resultados para políticas institucionais de internacionalização.

RESPOSTA DOS AUTORES

Resposta 1:

Bom dia, avaliadores e editores

Agradecemos a disponibilidade de todos para a leitura de nosso texto e seus pareceres. Providenciamos as correções sugeridas e esperamos que as mesmas possam sanar os problemas apresentados. Nos colocamos à disposição para demais ajustes caso sejam necessários.

Atenciosamente,
Claudia Murta

Resposta 2:

Agradecemos aos pareceristas e editores da revista a indicação para publicação. Iremos acatar prontamente todas as sugestões dos pareceristas para melhoria do trabalho.

Conflito de Interesse

Os autores não têm conflitos de interesse a declarar.

Link para *Preprint*

O manuscrito foi submetido ao SciELO Preprints o DOI do preprint é <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13741>.

Protocolo e Pré-Registro de Pesquisa

Confirmamos a avaliação dos roteiros da Equator Network e nenhum dos roteiros é relevante para o trabalho. A pesquisa conduzida não foi pré-registrada em repositório institucional independente.

Declaração de Disponibilidade de Dados

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo está disponível mediante solicitação à autora correspondente, Valeska Virgínia Soares Souza. A restrição deve-se ao fato de que, embora os respondentes estejam anonimizados nas respostas ao questionário, as instituições às quais eles estão vinculados não foram anonimizadas, por se tratar de um mapeamento. Como os escritórios de internacionalização – foco da pesquisa – podem ter poucos servidores, a divulgação ampla dos nomes dessas instituições pode gerar a possível identificação de alguns participantes.

Pesquisa com seres humanos

A pesquisa envolveu seres humanos e, por isso, foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia, tendo sido aprovada sob o número CAAE: 39363120.5.0000.5152. Todos(as) os(as) participantes do estudo concordaram em participar da pesquisa e registraram seus consentimentos mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

REFERÊNCIAS

- BARANZELI, C. Modelo de internacionalização em casa – IaH. In: MOROSINI, M. (Org.). **Interfaces da Educação a Distância na Internacionalização em casa**. 2019. p. 187-201. ISBN 978-85-397-1305-9.
- BEELEN, J.; JONES, E. Redefining internationalization at home. In: CURAJ, A et. al. (Ed.) **The European Higher Education Area**, 2015. p. 59-73.
- BUCKNER, E.; STEIN, S. What counts as internationalization? Deconstructing the internationalization imperative. **Journal of Studies in International Education**, v. 24, n. 2, 2020. p. 151-166.
- CHRISTENSEN, C. M.; EYRING, H. J. **The innovative university**: changing the DNA of higher education from the inside out. San Francisco: Jossey-Bass, 2011.
- DEGRAFF, J.; DEGRAFF, S. **The innovation code**: the creative power of constructive conflict. Oakland: Berrett-Koehler Publishers, 2017.
- DE WIT, H. Internationalisation in higher education, a critical review. **Simon Fraser University Educational Review**, v. 12, n. 3, Fall 2019. p. 9-17.
- FILIPPETTI, A.; FRENZ, M.; GILLES, G. I. Are innovation and internationalization related? An analysis of European countries. **Industry and Innovation**, v. 18, n. 5, 2011. p. 437-459.
- GIBSON, R. **The 4 lenses of innovation**: a powerful tool for creative thinking. New Jersey: Wiley, 2015.
- GOMES, M. R. O.; GUERRA, T. Políticas de integração e cooperação técnica das instituições de ensino superior – perspectiva UNESCO. In: GOROVITZ, S.; UNTERBÄUMEN, E. H. (Org.) **Políticas e tendências de internacionalização no ensino superior no Brasil**. Brasília (DF): Editora UNB, 2018. (p. 31-44)
- GULICHEVA, E.; LISIN, E.; OSIPOVA, M.; KHABDULLIN, A. Leading factors in the formation of innovative education environment. **Journal of International Studies**, v. 10, n. 2, 2017. p. 129-137.
- HUDZIK, J. K. **Comprehensive internationalization**: institutional pathways to success. Oxon; New York: Routledge, 2015.
- IMBER, A. **The innovation formula**: the 14 science-based keys for creating a culture where innovation thrives. Melbourne: Wiley, 2016.

KNIGHT, J. **Internacionalização da educação superior**: conceitos, tendências e desafios. 2 ed. E-book. São Leopoldo: Oikos Editora, 2020. 221 p.

MERJTOFT, T.; CRIPPS, H.; BLÖCKER, C. Internationalization at home: an international interdisciplinary experience. Proceedings 8:e Utvecklingskonferensen för Sveriges ingenjörutbildningar, Karlstads universitet, 2021.

MIRCI, P. S.; HENSLEY, P. A. Leading for innovative practice: melding theories of organizational change, adult learning and conditions of learning. **CAPEA Education Leadership and administration**, v. 22, 2011. p. 9-30.

MISSERE MIHAS, T. Intercultural Encounters: creating purposeful interactions between domestic and international students. **The Organizational Improvement Plan at Western University**, 2021. 129 p.

RAFFAELI, R.; GLYNN, M. A. Institutional Innovation: novel, useful and legitimate. In: SHALLEY, C. E.; HITT, M. A.; ZHOU, J. (Ed.) **The Oxford Handbook of Creativity, Innovation and Entrepreneurship**. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 407-420.

RAUERM J. N.; KROISS, M.; KRYVINSKA, N.; NOVITZKI, C. E.; ABURAIA, M. Cross-university virtual teamwork as a means of internationalization at home. **The International Journal of Management Education**, v. 19, 2021. p. 1-13.

SANTOS, G. M. T.; REIS, J. P. C. COVID-19 e internacionalização em casa: potencialidades para o proces de ensino-aprendizagem na Educação Superior. **Boletim de Conjunturas**, v. 4, n. 11, 2020. p. 19-27.

SANTOS JORGE, M. L. Internacionalização em casa e educação para a cidadania global: primeiras aproximações. In: VIANA, R. S.; LARANJEIRA, D. A. (Org.). **Internacionalização do Ensino Superior**: concepções e experiências. BH: Editora UEMG, 2018.

VALTINS, K.; TIPANS, I.; MURACOVA, M. Technology enhanced internationalization in higher education, non-traditional indicators. **Journal of Information Technology Management**, v. 12, n. 3, 2020. p. 14-25.